

**ALTERIDADE E TERRITORIALIDADE: TENSÕES E  
DIÁLOGOS NA NARRATIVA CINEMATOGRAFICA DE  
KLEBER MENDONÇA FILHO**

Priscilla Schimitt  
Huapaya  
Mestrando (a) do  
curso de Pós-Graduação em Comunicação e  
Territorialidades  
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES  
E-mail: [priprish@gmail.com](mailto:priprish@gmail.com)

Orientador(es): Prof<sup>ª</sup> Dra. Daniela Zanetti  
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades  
Departamento de Comunicação Social  
E-mail: [daniela.zanetti@gmail.com](mailto:daniela.zanetti@gmail.com)

**RESUMO**

Essa pesquisa busca entender as tensões, conflitos e diálogos com a alteridade e territorialidade na cinematografia do cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho, especificamente em seus três últimos longas-metragens: “O som a Redor” (2012), “Aquarius”(2016) e “Bacurau”(2019). Pretende-se problematizar as formas como sua narrativa audiovisual estabelece uma relação com o outro, com o território, com a cidade e com a produção de subjetividade. Os questionamentos levantados nesse estudo partem de uma reflexão de como Kleber consegue construir em suas narrativas imagéticas, uma relação com o outro e com o território? Como figuram as relações de diferença e alteridade nessas narrativas cinematográficas? E ainda que processos subjetivos o cinema permite colocar em debate a partir das questões de classe levantadas nessas obras? Percebendo como as relações de alteridade e territorialidade atravessam o cinema contemporâneo brasileiro, a pesquisa deseja examinar a produção e olhar cinematográfico de Kleber Mendonça Filho, analisando as características e conteúdos das produções deste diretor, observando suas narrativas, cadências, ritmos imagéticos, montagens, artes, discursos, corporificações e diálogos com o território.

**Palavras-chave:** Alteridade. Territorialidade. Audiovisual. Diferença. Subjetividade.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende problematizar e refletir sobre as tensões, conflitos e diálogos com a alteridade e territorialidade nas narrativas cinematográficas do cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho, especificamente em seus três últimos longas-metragens “O som a Redor”(2012), “Aquarius”(2016) e “Bacurau” (2019). Pretende-se investigar como o autor consegue construir em suas narrativas imagéticas, uma relação com o outro e com o território? Como figuram as relações de diferença e alteridade nessas narrativas cinematográficas? Como a territorialidade e suas tensões são apresentadas pelo cinema de Kleber Mendonça Filho. Que processos subjetivos o cinema permite colocar em debate a partir das questões de classe levantadas nessas obras?

A narrativa cinematográfica de Kleber Mendonça Filho está presente neste cenário complexo e multifacetado do Brasil, em que ocorre um redimensionamento das relações políticas, sociais e de classe. É nesse contexto de fluxos globais, de poder e de imagens, que a busca pela identidade coletiva ou individual (atribuída ou construída), a produção de subjetividades, e a reivindicação pela alteridade e o território tornam-se o epicentro de significado social. Existe uma dinâmica permanente entre as dimensões cognitivas e ideológicas do enquadramento das imagens e dos atores sociais nas construções narrativas no e sobre o território. Partidos políticos, movimentos sociais e grupos econômicos disputam as políticas de produção dos espaços narrativos e dos espaços das cidades. É justamente nessas tensões e disputas que nossa pesquisa pretende refletir que corpos, territórios e processos subjetivos tão múltiplos, o cinema de Kleber Mendonça Filho nos provoca a debater e sentir.

Historicamente, no cinema brasileiro sempre existiu um esforço por parte de alguns cineastas de colocar em cena a experiência e o encontro com o outro. Jean-Claude Bernardet (2003) uns dos principais pensadores sobre as relações de classe no cinema nacional, em sua obra “Cineastas e imagens do povo” defende que a relação que se estabelece de experiência com o outro nos filmes ocorre entre os cineastas e o povo. De certa forma os diretores nutriam um verdadeiro encatamento sobre as classes trabalhadoras que eram diferentes do universo que os cineastas viviam. Nos anos 1960 o cinema brasileiro tinha basicamente uma grande preocupação em se aproximar da realidade referenciada por um forte desejo de transformação social através da arte (BERNARDET, 2003). É possível perceber que no Cinema Novo as relações de alteridade que se estabeleciam eram radicais, existia uma busca por uma totalização

dos indivíduos, por uma causa única e o esmagamento das subjetividades e singularidades, os cineastas voltavam o olhar para outras classes sociais, para a classe trabalhadora, para outra classe que não a sua (BERNARDERT, 2003).

A partir da retomada do cinema brasileiro nos anos 1990, os cineastas passam a ter tomadas e visualidades opostas às colocadas por Bernardet no passado. O coletivo acaba ficando em segundo plano, fazendo emergir singularidades do indivíduo e construindo novas narrativas dos personagens. Passa-se a ter um cinema que narra subjetividades e comportamentos singulares (SOUTO, 2011). Contudo, a partir dos anos 2000 vimos eclodir um movimento no cinema nacional que investe na alteridade, nas relações de territorialidade, dimensões da cidade, dos espaços ao centro do debate e da produção de discurso imagético. A partir disso, nossa pesquisa busca examinar a produção e olhar cinematográfico de Kleber Mendonça Filho, que está dentro desse recorte estético e político, analisando as características e conteúdos das produções deste diretor, observando suas narrativas, cadências, ritmos imagéticos, montagens, discursos, corporificações e diálogos com o território.

## **NARRAÇÃO, EXPERIÊNCIA E TERRITÓRIO**

O objeto a ser estudado e desenvolvido nesta pesquisa são as produções cinematográficas do cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho, especificamente os três últimos longas-metragens “O som a Redor” (2012), “Aquarius” (2016) e “Bacurau” (2019) com Juliano Dornelles. Pretende-se pesquisar como as relações de alteridade e territorialidade atravessam o cinema contemporâneo brasileiro, partindo do olhar deste diretor.

Essa pesquisa possui como objetivos gerais a reflexão das relações de alteridade, espacialidade e corporificações, examinando os discursos presentes nas visualidades e narrativas do cinema brasileiro de Kleber Mendonça Filho, e suas múltiplas formas de representação.

No desenvolvimento inicial da pesquisa, foi possível lançar um olhar comparativo sobre os três longas-metragens e identificar as tensões nas relações subalternas e a questão da violência que atravessam as três produções. Em “O som ao redor” assistimos a violência urbana ligada a traços comuns de delinquência e desigualdade que acometem os grandes centros urbanos latino americanos. Em “Aquarius” assistimos á violência do fenômeno da verticalização e da especulação do capital imobiliário, que gentrifica e fomenta os conflitos sociais e econômicos

na cidade. Por fim percebemos em “Bacurau” uma ebulição de todas as violências citadas até agora, a violência aparece como protagonista num filme fantástico em que a carnificina parece ser a catarse de um povo oprimido pela cultura da violência e da bala. A filmografia de Kleber nos remete a vários “brasis” de momentos e perspectivas distintas.

A abordagem metodológica a ser configurada se ancora basicamente em teorias relacionadas aos campos do cinema, da comunicação e das culturas contemporâneas, agregando ainda aos fundamentos teóricos estudos sobre cidades e urbanismo, mais especificamente aquelas que percebem a experiência e narrativa como fenômeno social.

Podemos ler as histórias que a humanidade conta a si mesma como o fluxo constitutivo da memória e, portanto, de sua identidade, mas nem por isso o próprio movimento da narração deixa de ser atravessado, de uma forma geralmente mais subterrânea, pelo refluxo do esquecimento; esquecimento que seria não só uma falha um branco de memória, mas também uma atividade que apaga, renuncia, recorta, opõe ao infinito da memória a finitude necessária da morte e a inscreve no âmago da narração. Giorgio Agamben em seus textos também denuncia a “incapacidade contemporânea tanto de fazer quanto de transmitir experiências”: “não se trataria mais, portanto, de uma questão de empobrecimento, mas, sim, de expropriação da experiência”, da vivência, mas na incapacidade de transformá-la em experiência acumulada, coletiva, ou seja, de transmiti-la ou partilhá-la.

Utilizando dos conceitos de narração e experiência de Walter Benjamin, queremos perceber as construções narrativas do cinema nacional partindo da territorialidade, nos remetendo à metrópole moderna analisada por Benjamin para pensar o território e suas tensões no cinema de Kleber. Queremos refletir a partir da “importância da narração para a constituição do sujeito”, hipótese traçada por Benjamin em 1936 no texto “O narrador”, no qual afirmava que a experiência da arte de narração estava em vias de extinção. Através de Agamben e Walter Benjamin pretende-se compreender a importância da narração para a sobrevivência da experiência, considerando-a, no âmbito da apreensão da territorialidade, da cidade e do outro. Como uma “ponte” para a compreensão das dinâmicas e transformações das cidades, dos espaços e das relações sociais e de classe. Ainda que a narração não capte a totalidade da experiência, por determinados processos de esquecimento ou falta de memória, haverá sempre algo a ser narrado.

No que tange as teorias da imagem, do cinema e da comunicação, a pesquisa está sendo referenciada na produção bibliográfica de autores que refletiram sobre imagem, relações de

classe e a história do cinema brasileiro, como Jean-Claude Bernadet e Ismail Xavier. Da obra de Bernadet partiremos de obras como “Cineastas e imagens do povo”, em que o autor defende e avalia que a relação que se estabelece de experiência com o outro nos filmes é entre os cineastas e o povo. Pensaremos o contexto histórico que nosso narrador está inserido. Tendo como cerne os métodos de Ismail Xavier em seu livro “O olhar e cena : melodrama, Holywood, cinema novo, Nelson Rodrigues” de 2003, Xavier nos apresenta que é possível seja quando ele analisa a filmografia de Glauber Rocha ou as adaptações do cinema clássico americano, a escolha de uma metodologia e categoria central que possibilita montar um eixo onde diferenças e semelhanças se cristalizam e permitem tornar visível a história.

Para a análise fílmica da pesquisa, utilizaremos como ferramenta teórica “A análise do filme” de Jacques Aumont e Michel Marie (2004), por esta ser uma das bibliografias mais importantes sobre métodos de estudo de materiais audiovisuais. Aumont e Marie defendem q a posição que a análise fílmica deve ser compreendida mais como um procedimento metodológico do que como um campo autônomo de estudos. Outrossim, Aumont e Marie fazem um esforço extra para aproximar os procedimentos de análise fílmica do “conjunto de discursos sobre o cinema” (AUMONT e MARIE, 2004: p .14), caminhando para a construção de uma teoria do cinema. Ressaltando que a produção reunida desse campo jamais ganhou ou ganhará uma teoria unificada de compreensão dos filmes, os autores asseguram que as duas atividades compartilham muitas características: são predominantemente descritivas, partem do individual (o filme) para atingir frequentemente uma reflexão sobre o coletivo (o cinema).

Desse modo, Aumont e Marie defendem que até certo ponto não existem senão análises singulares, inteiramente adequadas no seu método, extensão e objeto, ao filme particular de que se ocupam”. Por isso, cada pesquisador deve se esforçar para construir o seu próprio modelo de análise, que, por sua vez, será válido apenas para o filme escolhido para ser analisado. Os dois autores observam que toda análise fílmica tenderá sempre a fornecer o esboço de um método de análise mais geral, que poderá inclusive se apresentar adiante sob a forma de uma teoria.

Complementando ainda a abordagem da análise fílmica, temos o trabalho de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété no livro “Ensaio sobre a Análise Fílmica” (1994). Os autores sugerem que analisar um filme ou um fragmento dele é como analisar a composição química da água, decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”,

pois se é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto fílmico para “desconstruí-lo” e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme. Através dessa etapa, o analista adquire um certo distanciamento do filme. Essa desconstrução pode naturalmente ser mais ou menos aprofundada, mais ou menos seletiva segundo os propósitos da análise. (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 15).

Para refletir a produção de subjetividade e narrativas no cinema e no território faremos o uso dos conceitos de Suely Rolnik (2003), que defende a existência de dois modos de apreensão sensível do mundo, nos quais a subjetividade pode ser “afetada”: a primeira delas é conhecer o mundo como “forma”, a partir da percepção operada pelo exercício empírico da sensibilidade; a segunda está relacionada ao conhecimento do mundo como “força”, a partir da sensação, operada pelo exercício intensivo que ocorre no encontro entre o corpo, como campo de forças, e as forças do mundo que o afetam. O “corpo sensível” apresenta assim duas potências distintas, a “percepção” e a “sensação”. Se a percepção do outro traz sua existência formal à subjetividade, existência que se traduz em representações visuais, auditivas. Já a sensação traz para a subjetividade a presença viva do outro, presença passível de expressão, mas não de representação. Na relação com o mundo como campo de forças, novos blocos de sensações pulsam na subjetividade corpo na medida em que esta vai sendo afetada por novos universos; enquanto que na relação com o mundo como forma, através das representações, a subjetividade se reconhece e se orienta no espaço de sua atualidade empírica.

Para melhor compreensão dos processos de subjetivação (própria subjetividade) como lugar (“motor propulsor”) da criatividade, nos aproximaremos do conceito de “estética subjetiva” (GUATTARI, 2008). Interessa-nos saber de que dimensões espaços temporais a experiência subjetiva, aqui brevemente explicada, se ocupa na cidade e nos territórios. Ao defendermos a apreensão sensível da territorialidade, é necessário termos em mente que o espaço é sentido de infinitas maneiras, pois cada subjetividade agencia variadas impressões do espaço físico, dos seus elementos arquitetônicos, dos outros corpos que dividem e compartilham o mesmo espaço (e o mesmo tempo), instaurando infinitos modos de subjetivação.

Analisando as questões que atravessam o território, partimos de Milton Santos e David Harvey na definição do conceito de espaço em um mundo em movimento contínuo, onde a técnica e a informação desempenham função chave. Tanto Milton Santos como David Harvey possuem vasta obra dedicada a geografia sustentada pelo método de interpretação materialista

histórico dialético, permitindo a produção de um pensamento crítico e engajado na transformação. A análise das obras destes autores oferecem instrumentos metodológicos e teóricos para compreender o conceito de espaço em profundidade, o que possibilita melhor entendimento sobre o mundo contemporâneo no período atual. David Harvey possibilita a compreensão da sociedade atual e a sobrevivência do modo de produção capitalista, mostrando que é preciso atentar para as relações entre espaço e tempo. Harvey (2012) defende que o espaço é uma palavra-chave, complexa, cujo significado e conceito deve ser decifrado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Afim de responder, os questionamentos levantados nesse estudo, partindo de uma reflexão sobre a maneira com que Kleber Mendonça Filho consegue construir em suas narrativas imagéticas, uma relação com o outro e com o território. E como figuram as relações de diferença e alteridade nessas narrativas cinematográficas. Nos seis meses iniciais da pesquisa, encorajada pelas disciplinas cursadas no programa e através de debates com a orientadora e com os integrantes do grupo de pesquisa em Cultura Audiovisual e Tecnologia - CAT, foi possível identificar a necessidade do desenvolvimento de revisões bibliográficas que contribuíssem com questões pertinentes aos embates e tensões no território, destacando as questões das cidades latino-americanas.

A fim de desenvolver um olhar mais crítico sobre a temática foi sugerido o emprego das obras de David Harvey, Milton Santos e Ermínia Maricatto.

A partir dessas reuniões foi iniciada uma revisão de literatura sobre o cinema brasileiro pós anos 2000, destacando os filmes do Kleber Mendonça Filho. Nesse momento foram encontrados artigos e estudos relacionados a filmografia de Mendonça em importantes periódicos brasileiros e anais da Socine, Compós e Intercom.

Partindo desta perspectiva do estudo proposto, identificamos a necessidade de ser aprofundar os estudos e os conceitos de classes legitimados por Pierre Bourdieu, para pensar mais sobre o lugar do Kleber Mendonça Filho no campo cinematográfico brasileiro e as relações do território tão estudadas por Milton Santos, Harvey, Haesbaert.

Os próximos passos da presente pesquisa será aplicar-se sobre essas revisões literárias, iniciando um estudo e análise comparativa dos três longas-metragens objetos desta investigação, daí a necessidade dos aportes teóricos citados ao longo do texto.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas: Papirus, 1993.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel et al. **A Estética do Filme**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às Mediações – Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. .Globalização comunicacional e transformação cultural. In MORAES, Dênis (org). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BELLOUR, Raymond. **A dupla hélice**. In PARENTE, André (org). **ImagemMáquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: **Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIM, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W; HABERMAS, J.. **Textos escolhidos (Os Pensadores)**. São Paulo: Abril, 1980.

BENTES, Ivana. **Vídeo e cinema: rupturas, reações e hibridismo**. In: **MACHADO, Arlindo (org). Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2007.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRUNO, Fernanda; FATORELLI, Antônio (orgs). **Limiares da Imagem: tecnologia e estética na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2: A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura Global: Nacionalismo, Globalização e Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graaal, 1979.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 2008. G

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2006.

LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional. Parte 1 – Da experiência à experiência estética (p. 19-55) e Parte 2 – A experiência estética no campo comunicacional (p. 57-130)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço**. São Paulo: Paulus, 2007. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papirus, 1997.

MACIEL, Kátia. **Transcinemas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

MAIA, Rosely & CASTRO, Maria. **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG. 2006.

MENDONÇA FILHO, Kleber. **Três roteiros: O som ao redor: Aquarius: Bacurau/Kleber Mendonça Filho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SIMMEL, George. **A metrópole e vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **“O fenômeno urbano”**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUTO, Mariana. **Infiltrados e invasores: uma perspectiva comparada sobre as relações de classe no cinema brasileiro contemporâneo**. Salvador: EDUFBA, 2019.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1994.

XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, cinema novo**. Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac&Naif, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome**. São Paulo: Cosac&Naif, 2003.